

# ao olhar diferente do oriente

Fotos: Antoninho Perri



A estudante e bailarina Cíntia Toma Kawahara: projeto de iniciação científica no Instituto de Artes culminou com apresentação pública

mas despertou para o Nô apenas na universidade, durante uma aula da professora Graziela Rodrigues através do método BPI (Bailarino, Pesquisador, Intérprete) num exercício onde a ação era 'escavar a terra'. "Quando vi uma raiz diante dos meus olhos e a senti sob meus pés, fui tomada por uma emoção muito forte. Meu corpo me lembrou das origens japonesas e decidi ir atrás daquela raiz, que ia dar no outro lado do mundo".

Nesta mesma época, dentro do método BPI, Angela pesquisava terreiros de umbanda e candomblé – lugares onde, segundo ela, o corpo está em constante transformação. "Ao ver um filme sobre o Nô, ouvi do narrador que os atores com as máscaras representavam fantasmas e deuses que interagiam com as pessoas. Pensei se não estaria ali uma linguagem nascida no 'terreiro' japonês, uma representação artística que elaborou processos oriundos do xamanismo".

No mestrado-recém concluído, Ângela realizou sua síntese corporal através do método BPI que, além de ter decodificado tecnicamente o chamado "transe" vivido pelo corpo nos terreiros brasileiros, trabalha aspectos ainda pouco explorados na dança, como o estudo da imagem corporal. "O método fornece uma preparação psicofísica especial, pois é o corpo em contato com o inconsciente que nos rege e não o intelecto. Num círculo traçado no chão, o *dojo*, eclodiram sínteses corporais

da minha trajetória de vida".

Preparando-se para o doutorado, agora mais desperta para a dança brasileira, Angela Nagai assegura que o Nô vai acompanhá-la para sempre, enquanto uma linguagem cujo refinamento estético captura o intérprete dançarino por seu grande poder de síntese, além de refletir uma profundidade espiritual. "Eu pude investigar minha história corporal e aprender a lidar com minhas inquietações a respeito de minhas origens. Sinto-me mais apaziguada".

**Atrás do sonho** – Cíntia Toma Kawahara, nissei (de segunda geração) por parte de mãe e ionsei (de quarta geração) por parte de pai, ainda sonha em conhecer Okinawa, a Ilha das Artes, de onde vieram seus pais e avós. "Apesar da veia artística nata da família, foi na faculdade, quando a professora da disciplina de danças brasileiras pediu que fizéssemos um apanhado da nossa árvore genealógica, que cheguei à dança de Okinawa".

Okinawa foi por muitos séculos um reino independente denominado Riukyu e que, como porto comercial, sofreu grande influência do sudeste asiático, apresentando suas particularidades na língua, cultura e arte. "A dança possui vários gêneros. No clássico temos a dança masculina (*nisai odori*), com movimentos fortes e precisos, alguns baseados no caratê, que também surgiu na região".

Segundo Cíntia Toma, a dança

clássica feminina (*onna odori*) difere da japonesa primeiramente pelo vestuário, usando-se o *bingata*, roupa típica de cores marcantes. "Outra característica são os gestos e movimentos mínimos, porém complexos e elegantes, desenhados numa atmosfera sóbria. Há ainda a dança dos mais velhos (*rojin odori*), que traz longevidade, e a dança dos meninos (*wakashu odori*)".

Cíntia Toma escolheu o bailado *Amaká* – apresentado à realeza como forma de refinamento e hospitalidade – para seu projeto de iniciação científica no Instituto de Artes e que culminou com uma bela apresentação pública. "Mas a dança de Okinawa tem seu gênero popular, que surgiu depois da anexação pelo Japão, com temas sobre a pesca e a colheita. É dançado descalço e os bailarinos sorriem mais, enquanto que na dança clássica os rostos parecem máscaras, quase sem expressão. E há também o gênero *soosaku buyou*, ou bailado "inventado", que são os bailados modernos".

**Centenário** – Cíntia Toma sentiu que deveria ganhar mais experiência de vida, realizando pesquisas por fora e dançando muito. É o que vem fazendo neste ano do centenário da imigração, com apresentações na Capital e no interior. Vai dançar na semana de comemorações no Anhembi, neste mês de junho, e depois iniciar seu projeto de workshop, no propósito de promover a dança de

Okinawa fora da comunidade.

Angela Nagai, igualmente, vem participando de eventos do centenário na Fundação Japão e estará no Anhembi com espetáculos didáticos artísticos de bailados de Nô, em português. "Também sou *benshi* [narrador de filmes mudos, figura que foi célebre no Japão] e participei do novo ciclo de Cinema Silencioso Japonês do MIS de São Paulo, em agosto, acompanhada por músicos brasileiros. Faço isto há onze anos".

A professora Alice K., por sua vez, idealizou o Projeto 100, que traz um repertório de seis montagens sob sua direção, duas delas a serem criadas ainda para este ano do centenário. Três delas nasceram do trabalho com alunos da Unicamp: as premiadas *Qioguem?! e Morte e Vida Severina* (inspirada no poema homônimo de João Cabral de Melo Neto e com elementos do Nô), e a recente *A Pérola*, baseada no conto de Yukio Mishima.

Ainda dentro do projeto, Alice K. está terminando a montagem do espetáculo *Oversized*, inspirado na obra da coreógrafa-bailarina de Butô Anzu Furukawa, que estréia em 4 de julho no Teatro Coletivo Fábrica. Até o final do ano, ela dirige *Death Note*, inspirada na série homônima do mangá que virou febre no Japão, e *As alegres comadres de Windsor*, peça de Shakespeare, apenas com atrizes e em versão Kyogen. "Considero o Projeto 100 como minha homenagem pessoal ao Centenário da Imigração Japonesa".

## Lembrando as origens

Investigando sua árvore genealógica, Cíntia Toma descobriu que seus antepassados praticavam várias modalidades da arte okinawa. A bisavó materna, por exemplo, dava aulas de *sanshin* – o *shamisen* (banjo de três cordas) de Okinawa. A avó, Kyoko Toma, cantava a música típica, praticava dança e tocava o *koto*, uma harpa de seis cordas. E o avô, Giro Toma, já falecido, tocava *sanshin* e ajudou a organizar a Associação de Okinawa do Brasil.

"É mais fácil contar a trajetória da família da minha mãe porque a do meu pai, que já é da terceira geração, está mais distante. Mas nela a veia artística também é forte, enquanto que meu bisavô paterno era mestre de kendô", justifica a jovem dançarina.

Os avós maternos de Cíntia vieram na esperança de uma boa vida, mesmo que não passassem necessidades na Ilha das Artes. Deram-se mal na Bolívia, onde tiveram que desmatar terras virgens e iniciar a vida do nada, plantando para o próprio sustento. Foi em São Paulo que os avós, recorrendo à arte gestual, começaram a construir o futuro dos filhos e netos. "Minha avó não falava uma palavra em português, mas vendia pastéis como ninguém".

O pai da professora Alice K. é de Hokkaido, norte do Japão, e a mãe de Shikoku, mais a oeste. Ambos vieram pequenos com suas famílias, que se fixaram na agricultura como a maioria dos imigrantes, na esperança de um lugar novo. Acabaram por construir a vida de casados em São Paulo, sendo que o pai, hoje com 85 anos, ainda mantém sua banca de frutas no Mercado Municipal.

Dos 4 aos 7 anos de idade, Alice frequentou o *nihongogakko* (escola de japonês), envolvida com a língua, os *mangás* (histórias em quadrinhos), fábulas e músicas nipônicas. Em todo mês de julho, a escola promovia o tradicional *undokai* (gincana esportiva) e, em dezembro, o *gakugeikai* (maratona de artes) com programação de música, canto, dança e teatro.

Alice e as outras crianças atuavam nas peças teatrais, mas sem entender direito a narrativa dramática. "Havia uma peça em especial, chamada *Byakkotai*, que simulava um haraquiri geral. Uma choradeira só. Só mais tarde fui perceber que o professor Asakawa tinha veia trágica, a ponto de repetir a montagem a cada ano".

Além de se comunicar, Alice K. também pensava em japonês, mais por influência dos romances e *mangás* e pelo fato dos pais só falarem o idioma. Mesmo nas brincadeiras com as vizinhas, seu imaginário era muito ligado à fantasia, com pouca influência da televisão. "A entrada no ensino básico foi difícil e professores chegaram a pedir que eu deixasse a escola japonesa, que estaria atrapalhando meus estudos. Não sei, pois o caminho era reforçar o português e não retirar o meu japonês".

Angela Nagai perdeu o pai em 2003 e lembra com carinho do presente que ganhou no aniversário de 18 anos. Empurrando-a no balanço no jardim, Hiroshi Nagai contou histórias da sua infância e adolescência na guerra, e do avô, Toraji, que sobreviveu aos campos de concentração na Sibéria. "Meu pai aportou em Santos com apenas 17 anos, em 1952, e puxou enxada até se formar engenheiro agrônomo, tornando-se um dos mais conceituados cientistas em melhoria genética do país".

Em décadas de trabalho no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Hiroshi Nagai desenvolveu incontáveis variedades de hortaliças, frutos e legumes, como de tomates, pimentões, alfaces e quiabos. "Houve um tempo em que 80% das variedades de hortaliças plantadas no Brasil tinham sido aprimoradas por ele".

O pai de Angela também foi cientista missionário da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), salvando lavouras de pragas em vários países pobres da América Latina. "Hoje percebo que o seu amor não era apenas pelas plantas, acho que brotava do desejo inconsciente de que ninguém passasse fome no mundo".

A filha tinha apenas 2 anos de idade quando Hiroshi Nagai chegou a uma nova variedade de tomate – doce, suculenta e tão resistente que motivou a invasão da estufa para roubo das sementes, provavelmente por alguém a mando da indústria de agrotóxicos. À variedade de tomate, que se propagou pelo mundo, ele deu o nome de "Angela". E a dançarina sorri: "Você está falando com a própria".